

## Dois poemas recentes

D E

CRUZ FILHO

I

### **Soneto a Vulda**

*Viverei! Voltarei, belo Sol, que me doiras,  
Inda a viver aqui, sobre o solo em que vivo:  
Meu ser reintegrar-se-á, reposto e redivivo,  
Com cambiantes feições, pelas eras vindoiras.*

*O cérebro, onde, ó Sol, flâmeos dons entesoiras,  
E que em mim faz radiar o mundo subjetivo,  
Inda após ter tornado ao telúrico arquivo,  
Há de à luz ressurgir em pulcras fronteiras loiras.*

*Hei de eterno vibrar na Natureza eterna,  
Sempre a despir ansioso a forma transilória  
E sempre a renascer, como o dragão de Lerna.*

*Mas, entre mutações, eclipses e lampejos,  
Comigo levarei, ó Vulda, na memória,  
Teus olhos, teu amor, teus espasmos, teus beijos...*

II

### **A Cidadela**

(Edmond Harancourt)

*Constrói só para ti a tua cidadela.  
Mas bem alto a constrói, do teu egoísmo em prol!  
Que impérvia e virgem fulja, e, ao largo, em torno dela,  
Seja baluarte o monte e a neve alvo lençol.*

*Dos cimos ergue-a tu além dos paroxismos,  
Entre as rotas azues do raio e do condor,  
— Marmóreu imperatriz numa corte de abismos,  
Lis de pedra a florir no sidéreo esplendor.*

*Põe-na lá junto a Deus, tão longe desta lama,  
Tão longe e alto, que as mais, sem a encararem hem,  
Na própria luz solar julguem ver nova flama  
E ignorem se dos céus ou da terra provem.*

*É mister construir lá o asilo da tua alma;  
E, para que a lei seja o próprio arbítrio teu  
E o louvor ou o baldão não lhe alterem a calma,  
Guarda no teu limiar o verbo mágico: «Eu».*

*Com cem fechos, então, torna o asilo interdito!  
Aos quatro ventos cerra os muros do bastião;  
E, se o tecto te oprime, abre-o para o infinito,  
Para que a alma do céu entre em tua mansão.*

*Depois, lá no interior do místico recinto,  
— Sacerdote encantado, erguerás teu altar,  
O altar de ferro e de oiro em que o teu livre instinto  
Vai celebrar teu sonho, e nele se adorar.*

*Canta, embora te acolha um silêncio de morte!  
Canta a sós, pois teu ser é o eco do teu ser!  
Os desertos farão a tua voz mais forte,  
E em coro cantarão para te responder.*

*Canta o sagrado amor, que te excita as quimeras!  
Canta para a emoção de te ver a cantar;  
Canta para o amplo céu, canta para as esferas,  
Sem querer que ninguém te procure escutar!*

*Só, à feição de um deus! Porque o exílio é sonho;  
É da força o alimento e da virtude o pão;  
É a fuga para além deste mundo tristonho,  
E o limiar que ficou dos edens que lá vão.*

*Tens uma pátria só — que é o teu próprio Eu supremo!  
Canta, mas sê tu próprio o alvo dos hinos teus!  
Canta e, na hora final, morre no orgulho extremo  
De haver feito viver a tua alma e o teu Deus!*

(Junho, 1940.)